

# **CARTOGRAFIAS DA AÇÃO E AS GRAFIAS [IM]POSSÍVEIS NO TERRITÓRIO USADO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS**

**Ou: uma pequena conversa  
com Ana Clara Torres Ribeiro**

Thais de Bhanthumchinda Portela

Arquiteta urbanista, professora PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA, membro do Laboratório Urbano

O texto aqui apresentado está diretamente ligado às atividades da pesquisa “Experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea”, do Laboratório Urbano, PPG-FAU/UFBA. As atividades dividem-se em: Estudos Teóricos, Seminários Públicos e Trabalhos de Campo e é a partir dessa última atividade que surgem as reflexões desse texto. Os Trabalhos de Campo são entendidos pela pesquisa como práticas de/no espaço que geram processos de mapeamento das situações urbanas realizadas por experiências de contato direto com os lugares, em percursos cumpridos na condição de pedestres ou ciclistas.

No segundo semestre de 2012, parte dos membros da pesquisa “Experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea” (doravante abreviada por EMC<sub>4</sub>) resolveram criar uma proposta de Trabalho de Campo, tomando como questão a degradação da esfera pública nas cidades pelos processos de espetacularização (DEBORD, 2007) (questão essa que também se encontra no escopo da pesquisa).



FIGURA 1. Primeiro percurso TCs

Autoria: Thais Portela.

Partindo do objetivo da EMC<sub>4</sub> que é “investigar metodologias de compreensão da complexidade das cidades em contexto de espetacularização”, o grupo deu seu primeiro passo que foi: encontrar o espetáculo na cidade do Salvador-BA. Realizamos uma dinâmica de grupo e desta surgiram a proposição de trabalho em alguns lugares: a Paralela (lugar alvo de grande especulação imobiliária), a Rótula do Abacaxi (idem), áreas centrais (lugar da patrimonialização, museificação<sup>1</sup> e turistificação intensa) e, principalmente, a Arena Fonte Nova (lugar do espetáculo dos mega eventos ligados

à Copa Fifa 2014). Na dinâmica, o grupo decidiu criar práticas no espaço em um percurso a ser realizado na condição de pedestre, que ia do Bairro 2 de Julho (área central) até a Arena Fonte Nova, passando, de um ponto ao outro, por áreas degradadas da cidade.

Na EMC<sub>4</sub> a cartografia sensorial, desenhada por Suely Rolnik, é apontada como a ferramenta teórica e metodológica de apreensão da cidade na medida em que instaura uma dinâmica relacional corporal com o espaço-mapeamento do mundo pelo/com/no corpo. Mas cada participante dos Trabalhos de Campo (doravante TCs) tinha algumas outras práticas e nos propusemos também a trabalhá-las. Para além da cartografia sensorial, fomos experimentando no espaço procedimentos metodológicos de apreensão da cidade que partiam da cartografia da ação, da etnografia, história oral, micro-história, narrativas urbanas... mas todos a partir da experiência do corpo vivenciando o percurso escolhido da cidade. Portanto, não deixamos de agir como cartógrafos sensoriais e nos propusemos outros desafios.

Seguimos, de acordo com o EMC<sub>4</sub>, buscando as possibilidades de constituição da esfera pública da vida urbana, através de estudos críticos à espetacularização, procurando desenhar ações no espaço que desviavam com/pelas microrresistências urbanas, entendidas aqui como modos não planejados de praticar e apropriar o espaço urbano. Cada um procurou cercar-se das práticas de microrresistências urbanas pela qual foi/é afetado: a tarefa de criar uma “escultura” de sucatas na frente do Mercado Modelo ou de vender flores, o hábito do crack e seus arranjos possíveis nos espaços, o lazer/ócio não previstos... e seguimos cinco

meses trabalhando questões e procedimentos de apreensão da cidade. Cada um criou um exercício específico que praticava em seus horários possíveis e nos encontrávamos para trocar a cidade que cada um “desenhava” ligando encontro com materiais de construção inesperados com territórios afetivos, esconderijos, corpos sujos e cheirosos e drogados e medo com a pressa, o humor, o amor por máquinas de costura, pelos orixás, pelos... agenciamos n-afetos, compomos processos e materiais muitos distintos que apontavam para uma outra cidade que não se enquadrava na cidade do Salvador do Espetáculo da Especulação Imobiliária, da Patrimonialização, dos Megaeventos... e com um prazer que atravessava a todos debatíamos as experiências de cada um, e fomos percebendo um comum partilhado nos percursos praticados por cada um: as microrresistências estavam “nos”, ou passavam, “pelos” infames. Infames como o pensado por Foucault. (FOUCAULT, 2003, p. 203-222) Em documentos de 1660-1760, ele encontrou discursos sobre certas vidas que são como se não existissem, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que quer aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos que cruzam mecanismos políticos e efeitos de discurso – do nosso discurso, das nossas narrativas. As práticas que nos afetavam ligavam-se a esses sujeitos quase ocultos, vida que os agenciamentos do Espetáculo teimam em não legitimar nos seus processos de revitalização (ou requalificação, ou qualquer outra manobra semântica hegemônica – geralmente apresentada de forma publicitária – que determina socialmente quais modos de vida valem, ou não, ser vividas). Buscávamos os sujeitos que ocupavam o espaço de modo quase imperceptível,

aqueles sujeitos ruins para a imagem publicitária da cidade e que “retornavam” ao mapa da cidade apenas pelas nossas narrativas;

- a percepção do espaço feita pelo grupo em seus percursos tinha um forte componente estético, como em toda experiência, mas havia ali um quê de tropicália.<sup>2</sup> Tropicália e não o tropicalismo, experiência ligada à espacialidade dos labirintos em percursos operados com/pelo prazer sensorial como os criados por Hélio Oiticica.

*Supra a (aboutissement) – a chegada ao suprasensorial é a tomada definitiva da posição à margem. Supramarginalidade – la vita, malalindavita, o prazer como realização, vitacoplacer. Obra? Que é senão gozar? gostar. Cair de boca no mundo. Cannabilibidinar. Hummm... Sei que estou vivo – é só o que resta – o sabor, salabor, salibidor. (OITICICA, 1974)*

- todos, sem exceção, fomos atravessados pelo medo. Vivenciamos o sentimento de insegurança e isso virou uma questão: qual seria o perigo imaginado e/ou real dos espaços públicos degradados pelo abandono de uns e da apropriação de outros? Como “isso” atravessava nossos corpos, o quanto “disso” estava dentro dessa máquina midiática de produção de sentimento de insegurança? Atravessávamos ruas, algumas tomadas por usuários de crack, em outras nós éramos seres que não combinavam com o lugar, e muitas pessoas avisavam: “Vocês sabem por onde vão? Cuidado! Não sigam por aí.” Mas passávamos (coração: Tum, Tum, Tum) e começamos a descobrir as “desculpas” que nos permitiam passar e chegar aos lugares e praticar o espaço, desculpas essas que se transformaram em senhas passadas de uns para os outros: “Sou

amigo do Paulo Rastal!”, “Estou indo para a Marinalva.”, “Eu sei para onde estou indo!”, “Sou da Universidade”, “Quero comprar uma máquina de costura. Quanto é?”. Assim fomos transbordando os percursos de uns para os outros e o trabalho, em que cada um se propôs uma questão diferente foi coletivizado, foi criado esse comum;

- e, por fim, nas ruas da Cidade do Salvador tem se por hábito chamar de freguês não apenas aquele sujeito que compra, mas também o sujeito que vende. Se há a familiaridade do cotidiano, se sempre se realiza uma ação, ambos são fregueses um do outro. O lavador de carros é também freguês daquele que pede para o carro ser lavado, a dona de casa é freguesa do vendedor de frutas, mas, ele também é freguês da senhora. Todos os participantes dos TCs do EMC<sub>4</sub> ganharam suas freguesias.

Todas essas questões deverão ser estudadas criticamente neste próximo semestre, nas reuniões de articulação do grupo dos TCs com o resto do grupo EMC<sub>4</sub>. Por isso não tenho como trazer aqui considerações maiores e análises mais profundas desse trabalho coletivo.

O que vou trazer são as proposições do meu percurso particular desenvolvido na dinâmica coletiva, mas este é totalmente ligado à experiência e às reflexões do grupo. Na minha proposta para os trabalhos de campo o meu “infame” era Exu, o orixá dos caminhos, aquele que dita a vida nas e das ruas e o meu “método” para além da cartografia sensorial era a cartografia da ação, trabalho desenvolvido por Ana Clara Torres Ribeiro, minha mestra para todo e sempre e sujeito central tanto das questões a que me propus viver nesse trabalho como das que estão neste texto, que você,

leitor, está em mãos. Por isso, essas palavras, além de serem escritas para um leitor também formam uma pequena conversa com essa minha “guia”: dupla determinação de um mesmo texto.

Vamos à essas proposições... que começam com uma colocação da EMC<sub>4</sub> que “pretende, ao colocar em debate diferentes experiências metodológicas de apreensão da cidade, contribuir com o esforço desse encontro no sentido de reformular teorias, abordagens e práticas do planejamento urbano e do urbanismo, ao propor a discussão sobre os limites de suas ferramentas mais tradicionais de apreensão e compreensão da cidade”.

Mas afinal, o que precisa ser reformulado? Qual é o problema das ferramentas tradicionais? Entendo, por hipótese, que existe uma lógica homogeneizante ou uma produção de subjetividade hegemônica nas teorias, abordagens e práticas do campo do urbanismo e do planejamento urbano, desde que estes emergiram historicamente com o modernismo: o desenvolvimento econômico é condição inquestionável para realização de uma vida urbana civilizada/democrática/justa. Os termos variam no tempo, são históricos, mas a lógica subjacente que afirma esta determinação que se mantém, creio eu.

Isso porque, ao longo desta história, o pulso da vida, da nossa relação subjetiva com o espaço, com o tempo e com o cosmos, esteve constantemente submetido ao fetiche do econômico, ao pulso do capitalístico. Era/é preciso fazer crescer a economia, todo o “resto” vem como consequência. JK, nosso idealizador de Brasília, até mesmo cunhou um slogan para esse pulso: “50 anos em 5”. O “resto” (a civilidade, a urbanidade, o social, o ambiental, a cultura... os termos continuam variando

no tempo) é/foi percebido como consequência, assim como o “resíduo” desse processo (o informal, a marginalidade, a poluição, a insegurança... termos históricos também). Por isso vimos a história determinar um ponto em que:

- temos um governo de Estado, dito popular e de esquerda, atuando como agência de mercado;
- temos movimentos sociais se enxergando como empreendedorismo social;
- temos a criatividade em todas as suas dimensões capturada para uma política pública chamada Economia Criativa voltada para criar insuamos para a Indústria Criativa;
- temos a participação, direito arduamente conquistado na elaboração do Estatuto da Cidade transformada em retórica de programas habitacionais, como o Minha Casa Minha Vida;
- e, no auge, temos a implantação desse atual Estado de Exceção em nosso país para dar passagem aos megaeventos da Copa Fifa 2014 e das Olimpíadas.

Este é um longo processo social e histórico, tem suas nuances, mas esta lógica homogeneizadora, como diz Ana Clara T. Ribeiro, mesmo produzindo o tempo todo diferenciações, clivagens, cortes... mantém, preserva, o passado e vemos novamente o paradigma desenvolvimentista (centralizador e macropolítico) retornar quase sem críticas, ou para sermos justos agora que estão acontecendo essas manifestações de ocupação pelas ruas das cidades brasileiras, com críticas – mas que ainda são vacilantes, ainda não tem poder para virar alternativa. É o desenvolvimentismo capitalístico atual que mantém o poder, que destrói as alianças

políticas de acordo com o que convém à reprodução do poder do capital que agora é financeiro, flexível, nebuloso; um desenvolvimentismo que não diferencia a política de esquerda ou de direita, que mesmo o mundo tendo mudado, mantém uma série de práticas arcaicas como o clientelismo e o nepotismo ao lado de legislações progressistas, calcadas no direito à cidade e na justiça social, e que aciona uma ou outra na medida dos interesses em jogo.

Nas palavras de Ana Clara: “A naturalização da dinâmica econômica constitui o mais forte sustento das ideologias do capitalismo. É através da naturalização dos interesses que organizam as atividades econômicas, que são reificadas as necessidades sociais, permitindo que a lógica do lucro seja apresentada como a única forma legítima de racionalidade. O predomínio do econômico influi, decisivamente, na sociabilidade e na urbanidade, fazendo com que o mercado ganhe autonomia frente a política e a cultura.”

Seguindo com o pensamento de Ana Clara, a resistência ao economicismo que hoje orienta intervenções urbanas pode ser construída com a análise crítica dos impulsos globais, como a espetacularização estudada dentro da pesquisa EMC<sub>4</sub>, e na denúncia dos seus sentidos. E, esses sentidos dos impulsos globais – entendo eu – é completamente articulado com o pulso da vida (com a nossa relação subjetiva com o espaço, com o tempo e com o cosmos), ou, como Félix Guatarri coloca em sua obra, os sentidos dos impulsos globais é ligado à produção da nossa subjetividade (esteja ela funcionando no registro capitalístico hegemônico ou nas fugas da singularidade). Esse sentido

do economicismo global, portanto, tem a ver o nosso desejo.

O desejo entendido aqui não como a dimensão subjetiva ligada ao instinto animal, ou de uma pulsão simbólica que funciona alheia às práticas sociais, ou de um vazio interior do indivíduo preenchido por objetos de consumo, por fetiches, ou qualquer outra coisa desse tipo. O desejo, neste referencial teórico que vem de Guatarri, é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo, que pode estar no registro do capitalístico, do hegemônico ou... das singularidades, daquilo que escapa do rolo compressor/opressor do homogêneo, do centralizador, do modelar. O desejo aqui não é uma questão da vontade do ego do indivíduo, o desejo é modo de operar a produção de subjetividade e esta é conectada intimamente com as práticas sociais e políticas, com o coletivo.

Mas como tratar dos modos de produção de subjetividade que escapam ao economicismo, dentro do campo do urbanismo e do planejamento urbano? Dizendo de outro jeito: podemos criar uma urbanística micropolítica e singular?

Talvez isso seja possível, e é essa a demanda que entendo haver na pesquisa EMC<sub>4</sub> e é isto que tentemos achar nos TCs, e por isso cheguei à cartografia da ação e à Exu.

A cartografia da ação é um método de pesquisa que Ana Clara T. Ribeiro iniciou em 1996, dentro do Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (LASTRO). Ali ela buscou criar uma representação do espaço comprometida com o reconhecimento dos sujeitos sociais e, portanto, com os sentidos da ação, buscando romper com invi-

sibilidades sociais através da máxima valorização possível de cada gesto de protesto ou reivindicação na cena urbana, do reconhecimento do outro que permanece oculto nas leituras dominantes (Percebem a semelhança com o pensamento sobre os infames de Foucault?).

Com a cartografia da ação Ana Clara T. Ribeiro buscou criar possibilidades de modificar a leitura sobre a opressão-marginalização-exclusão-subalternidade-colonialidade-minoria social através de uma observação sistemática das práticas diárias e das táticas de sobrevivência, de modo a afirmar questões sociais historicamente ocultadas. Sua cartografia pode ser entendida como as narrativas que trazem de volta, pela história, a vida daquelas “que só sobrevivem do choque com um poder que quer aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos que cruzam mecanismos políticos e efeitos de discurso” (FOUCAULT, 2003).

Para a mestra as práticas concretas do cotidiano podem modificar os sentidos da ação social e sua cartografia desenha, não necessariamente em mapas, o território usado de uma sociedade ativa e em transformação. Isso porque o território usado implica todas as táticas de uma vida subterrânea e tentativa criada pelo homem lento (essas são categorias filosóficas criada por Milton Santos que também se aproxima dos infames). Portanto, este é mais do que um método de análise, é também um instrumento de luta política, de micropolítica, que pensa a vida urbana e sua relação com a urbanística.

Por todas estas questões fiz a escolha desse “método” para dialogar com a cartografia sensorial e pensar as microrresistências no percurso dos TCs.

Mas, e Exu? Porque Exu? Por que, apenas para começar, esse orixá faz parte do meu desejo, lembrando que o desejo aqui não é tratado como vontade do ego do indivíduo, o desejo é modo de operar a produção de subjetividade, conectado com as práticas sociais e políticas, com o coletivo. E por que, uma vez me disseram: se urbanista entendesse de Exu que é o orixá dono dos caminhos, das ruas as cidades não estariam nessa situação de hoje, e por que moro em Salvador e encontro com Exú o tempo todo – isso vocês não contem para ninguém, por que tem gente que acha que Exu é o Diabo, que acha que Exu nem orixá é! – e conto desses encontros para pessoas que me contam inúmeros outros encontros com essa entidade e dos sentidos que isso cria em suas vidas e por que esses recontos criam sentidos partilhados que fazem a cidade do Salvador ser o que é, e por que me deixa triste esses sentidos serem capturados publicitariamente/levianamente para patrimonialização/turistificação da cidade e também por que um caboclo me mandou falar de Exu, e por que essa é uma continuação de conversa<sup>3</sup> com Ana Clara T. Ribeiro e com ela a minha questão era sempre: como cartografar mundos outros cujo modo de ser é tão distinto do vivido pelo pesquisador?

Juntei a cartografia da ação e Exu. Mas como? Se o que pretendo é tratar das questões do desejo, dos modos de produção de subjetividade que viram cidade e se esta é ligada diretamente com os **sentidos** da ação das práticas sociais, como posso cartografar isso que se corporifica nos gestos dos sujeitos, mas que é da ordem do sensível? Como fazer isso sem cair em uma pesquisa-ego, aquela em que o pesquisador/autor é o produtor de to-

dos os sentidos que sobressaem no texto sem conexão com os infames do qual fala?

E, como cartografar a ação contida no gesto, o movimento, o sensível que dá o sentido ao próprio gesto? Essa era uma questão para própria Ana Clara que dizia ser possível colocar o tempo na cartografia ao datar os processos mas, o gesto? O gesto não. O gesto é a própria materialização da experiência, o caminhar é gesto, o sentir torna-se um gesto... de carinho, de nojo... e essas pequenas ações podem ser subjetivações capitalísticas ou singularidades. Todo gesto contém um sentido, mas como saber se o gesto corporifica o hegemônico ou a resistência? Como perceber essa diferença tão sutil, que é da ordem do sensível?

No atual estágio destas reflexões estou caminhando com Rancière. Ele diz pensando sobre a arte e política:

*Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2009, p. 15)*

Extrapolo a questão do campo da arte e me atento mais à política e penso que esse referencial nos serve para pensar sobre o sentido do gesto micropolítico, da resistência, porque como coloca o



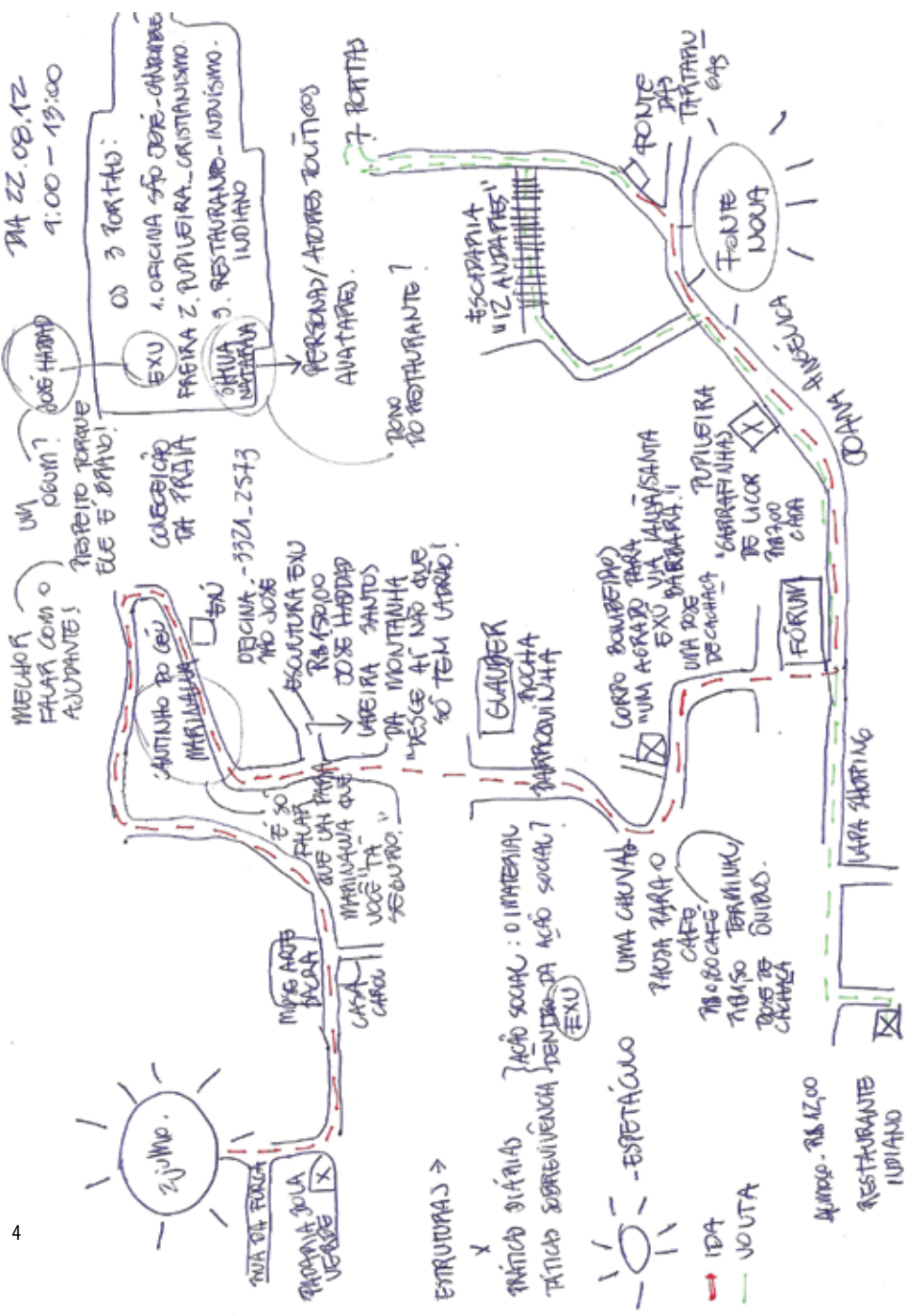
2



3

FIGURAS 2, 3 e 4. Cartografia da ação, percurso TCs e Exú  
Autoria e criação: Thais Portela.





próprio Rancière, a partilha do sensível é sistema das formas, *a priori*, também da política. A política, assim como a arte, ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto em campos que estão divididos, separados, e sobre quem pode ver e dizer de um *comum*, sobre as propriedades do espaço e dos possíveis do tempo.

Busco, portanto, cartografar esse sistema de evidências sensíveis que revela a existência deste comum. Exu, como o sensível comum, partilhado, que dá sentido a inúmeras experiências no espaço público, e que constitui uma esfera pública nas ruas de muitas cidades brasileiras, nada hegemônica. Penso aqui que esse infame pode nos ajudar a quebrar condicionamentos, a acionar racionalidades outras. Mas como Ana Clara dizia, esse é apenas um processo tentativo, que busca contribuir com as questões dos TCs e da pesquisa EMC<sub>4</sub>.

E para fechar o texto, para refletir sobre o tempo, sobre a experiência da vida urbana que pode escapar ao economicismo, sobre a tentativa de criar outra racionalidade para a vida, gostaria de contar uma história de Exu.<sup>4</sup>

*Diz um poema de Ifá que certa feita um comerciante, estabelecido no mercado de Oyó, consultou Orunmilá para saber qual seria a melhor coisa a fazer nas suas horas vagas. Como trabalhava demasiadamente, o mercador queria aproveitar os raros momentos de descanso da melhor forma possível. Orunmilá consultou o oráculo e disse ao homem que a resposta para aquela pergunta quem tinha era Exu. O homem procurou Exu, ofereceu a ele um galo, marafo e um pouco de tabaco e perguntou:*

*- Exu, o que devo fazer nas poucas horas vagas que tenho? Como posso aproveitar meu tempo tão curto?*

*Exu escutou o mercador, tirou do bernal uma flauta, tocou o instrumento e respondeu:*

*- Passe a trabalhar nas horas vagas.*

*- Mas Exu, eu já trabalho tanto! Orunmilá não pode estar falando sério quando diz que você tem a resposta para minha dúvida. Eu vim saber como aproveitar as horas vagas e você me diz para trabalhar... Não devo ter tempo para ouvir música, recitar poemas, conversar com meus filhos, bater tambor, louvar os deuses, amar as mulheres e beber com os companheiros do mercado?*

*- Claro que deve. A maior parte do tempo.*

*- Como?*

*- Passe a fazer isso nas horas em que você costuma trabalhar e trabalhe apenas nas horas que hoje são vagas. Foi isso que eu disse. Não entendeu, meu bom?*

*E então Exu gargalhou, pegou o bernal, guardou a flauta e voltou para a esquina.*

E é isso, Ana: VIVA A VIDA! ■

## NOTAS

- 1 Sobre patrimonialização e museificação ver o artigo *Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?* De Paola Berenstein Jacques.
- 2 À respeito dos modos de fazer Tropicália de Hélio Oiticica e não ao tropicalismo, ver: *Estética da Ginga – A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica* de Paola Berenstein

- Jacques; e, LIMA, Marisa Alvarez. *Marginália, arte e cultura na idade da pedrada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- 3 Essas conversas me ajudaram a criar a tese de doutorado “O urbanismo e o candomblé: sobre culturas e produção do espaço urbano contemporâneo”, orientada por Ana Clara Torres Ribeiro e Paola Berenstein Jacques, no IPPUR/UFRJ, em 2007.
  - 4 Conto encontrado em diferentes sites na internet, cuja autoria não foi possível descobrir. Esta versão foi copiada em: [http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5650:assim-falou-exu&catid=122:interessante&Itemid=535](http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=5650:assim-falou-exu&catid=122:interessante&Itemid=535). Acesso em: 09 ago. 2013.

## REFERÊNCIAS

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2007.
- JACQUES, Paola Berenstein. Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo? *Revista de Urbanismo e Arquitetura*, América do Norte, n. 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3229/2347>.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga – A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/RIOARTE, 2001
- FIGUEIREDO, Luciano. *Lygia Clark. Hélio Oiticica. Cartas 1964-1974*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.